

Análise morfopragmática do neologismo *bigodudista* a partir de diretrizes de redes sociais

Morphopragmatic analysis of the neologism *bigodudista* based on social media guidelines

Julia Damascena Magnavita¹

Ana Maria Ribeiro de Jesus²

Resumo: O presente artigo objetiva realizar uma análise morfopragmática do neologismo *bigodudista* em um conteúdo audiovisual publicado na plataforma *TikTok*, considerando-se o modo como as diretrizes de moderação da plataforma moldam a criação dessa formação. A morfopragmática compreende, principalmente, os significados pragmáticos incorporados de forma sistemática às operações morfológicas. Pretende-se investigar como o sentido de *bigodudista* é pragmaticamente recuperado e associado ao termo *nazista* pelos interlocutores, apesar da reformulação lexical. A fundamentação teórica baseia-se nos estudos de Gonçalves (2002; 2016), Grice (2004), Dressler e Barbaresi (1994; 2015), entre outros. A metodologia consiste na coleta do *corpus*, validação e análise das unidades neológicas. A inferência de que *bigodudista* faz referência ao termo *nazista* é possível a partir de um recurso metonímico. Considerando-se as condições lexicais paradigmáticas, o falante fez a escolha pela formação *bigodudista* por analogia a outras formações morfossemanticamente semelhantes, refletindo a produtividade do esquema [X -ista]. Nessas formações, o sufixo -ista refere-se “pessoa adepta, partidária ou simpatizante de X”. Essa escolha lexical reflete um processo de implicatura, na medida em que o referente permanece inferencialmente acessível aos interlocutores mesmo sem sua explicitação no contexto das restrições discursivas impostas pela plataforma.

Palavras-chave: Morfopragmática. Neologia. Implicaturas conversacionais. Redes sociais. *Bigodudista*.

Abstract: This article presents a morphopragmatic analysis of the neologism *bigodudista* as used in an audiovisual post published on *TikTok*, focusing on how the platform's moderation policies shape the creation of this lexical formation. Morphopragmatics is primarily concerned with the pragmatic meanings systematically encoded in morphological operations. The study investigates how interlocutors are able to pragmatically recover the meaning of *bigodudista* and associated with the *Nazi* term. The theoretical framework draws on the works of Gonçalves (2002; 2016), Grice (2004), Dressler and Barbaresi (1994; 2015), Wilson among others. The methodology involves *corpus* collection, validation, and analysis of the neological units. The inference that *bigodudista* refers to the *Nazi* term is made possible through a metonymic mechanism. From a paradigmatic lexical perspective, the speaker's choice of the formation *bigodudista* emerges by analogy with other morphosemantically similar formations, reflecting the productivity of the schema [X -ist]. In such formations, the suffix -ist conveys the meaning of “a person who supports, sympathizes with, or adheres to X.” This lexical choice reflects a process of implicature insofar as the referent remains inferentially accessible to interlocutors even without being explicitly stated within the context of the discursive restrictions imposed by the platform.

Keywords: Morphopragmatics. Neology. Conversational implicatures. Social media. *Bigodudista*.

¹ Mestranda na Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: julia.magnavita@edu.ufes.br.

² Professora na Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Línguas Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: ana.m.jesus@ufes.br.

Introdução

A língua é o espírito de seu tempo: as transformações nas interações promovidas pelas redes sociais têm impactado de maneira significativa as práticas linguísticas contemporâneas. Em ambientes marcados pela rapidez na circulação de discursos, pela grande visibilidade e pela mediação da tecnologia, observa-se uma intensificação dos processos de inovação lexical, especialmente no que se refere à criação e à difusão de novas palavras. Esses fenômenos mostram que a língua, longe de ser um sistema estático, adapta-se continuamente às condições sociais, culturais e comunicativas em que é utilizada.

Na era das plataformas digitais, a rede social *TikTok*, conhecida por hospedar, principalmente, conteúdos audiovisuais de curta duração, destaca-se como um espaço que recebe diariamente um grande volume de publicações realizadas por usuários da internet. A fim de criar um espaço considerado seguro para seus usuários, a plataforma estabelece um conjunto de Diretrizes da Comunidade que regulamentam os conteúdos que são permitidos, restritos ou proibidos. Essas diretrizes exercem influência sobre as formas de expressão adotadas pelos usuários, na medida em que o uso de determinadas palavras, como *matar*, *assassinato*, *pedófilo*, *estupro*, *suicídio*, *nazismo*, tornam-se sensíveis ao algoritmo da rede social por serem potencialmente interpretadas como associadas a conteúdos proibidos. A criação de novas unidades lexicais, os neologismos, passa a funcionar como uma estratégia discursiva orientada por necessidades pragmáticas específicas. Novas palavras, como *pedô*, *desviver*, *neonazi*, entre outras, emergem, nesse contexto, para contornar restrições impostas ao uso de formas já consagradas no léxico, assegurando a continuidade da comunicação e a circulação de determinados assuntos nesse espaço digital.

Partindo dessas considerações, este artigo tem como objetivo analisar o uso do neologismo *bigodudista* em um vídeo publicado na plataforma *TikTok*, no perfil @fagnerferonatoreal, compreendendo-o como uma estratégia discursiva mobilizada em resposta às diretrizes e aos mecanismos de moderação da plataforma. O *corpus* consiste na fala roteirizada do vídeo, transcrito por meio da plataforma *MeetGeek*. Em razão das regras da rede social, o uso da palavra *nazista* pode acionar mecanismos de moderação automática por se tratar de um termo que referencia ideologias extremistas e discursos de

ódio, levando à possível remoção do conteúdo ou à limitação do seu alcance. Observa-se, assim, o uso da forma alternativa *bigodudista*, permitindo ao autor do vídeo referir-se indiretamente ao mesmo objeto de discurso. A utilização da forma neológica demonstra uma estratégia linguística de contorno das restrições da plataforma, em que, mediante inferências pautadas em conhecimentos socioculturais compartilhados pelos interlocutores, o sentido se mantém, enquanto o risco de sofrer uma penalidade se reduz. Para a análise da unidade lexical em estudo, o trabalho articula pressupostos teóricos da neologia e da morfopragmática, bem como as implicaturas conversacionais de Grice, a fim de investigar como o sentido de *bigodudista* é pragmaticamente recuperado e associado ao termo *nazista* pelos interlocutores, apesar da reformulação lexical.

Neologia: por que criamos novas palavras?

Na dinâmica sociotecnológica atual, marcada pela rapidez das interações on-line, o léxico das línguas naturais é submetido a pressões que favorecem o surgimento e a circulação de novas palavras. Nesse cenário, a atualização lexical – a neologia – deixa de ser um evento isolado e passa a refletir um processo contínuo de recriação e adaptação linguística. Compreender a neologia, então, é também compreender o modo como uma comunidade linguística responde às suas necessidades comunicativas e cognitivas.

O questionamento sobre “por que formamos palavras?” leva Basilio (1987) a apresentar três principais fatores motivadores da criação lexical: (i) a necessidade de utilização de uma palavra já existente em um contexto sintático diferente; (ii) a necessidade de expansão semântica de uma unidade lexical; e (iii) a tendência à economia linguística. Complementarmente aos estudos de Basilio (1987), Gonçalves (2019) sistematiza cinco funções de diferentes ordens que se relacionam às causas da criação lexical:

1. função de rotulação: decorre da necessidade de nomear novos fatos, fenômenos e conceitos que surgem no mundo;
2. função de mudança categorial: refere-se à necessidade de uso de uma determinada palavra em um contexto sintático que requer uma classe gramatical diferente;

3. função atitudinal: está ligada à subjetividade que o falante atribui a uma forma lexical “neutra”, expressando, assim, carga emocional a partir do uso de processos morfológicos;
4. função indexical: revela o perfil sociolinguístico do usuário por meio de estratégias que funcionam como um “sistema de sinalização” que caracteriza grupos de falantes;
5. função textual: manifesta-se por meio de intencionalidades e adequações textuais, como impessoalização, paráfrase e coesão.

Maroneze (2011) apresenta as duas principais causas da criação lexical apontadas por Geeraerts (1997): a expressividade e a eficiência. O autor explica que, embora cada princípio tenha as suas particularidades, esses não devem ser vistos como dicotômicos, mas como causas que se complementam. Posteriormente o autor argumenta que a adequação à classe gramatical é um caso particular de acréscimo semântico, reduzindo, assim, os dois motivos a um único. A expressividade parte do premissa de que, nas palavras do autor,

a criação lexical ocorre para que os falantes possam exprimir algo que ainda não tem um meio adequado para tal. Pode acontecer quando surge um novo objeto, uma nova descoberta, uma alteração na visão de mundo de uma cultura, ou mesmo pela necessidade de denominações afetivas, eufemísticas (Maroneze, 2011, p. 20).

A expressividade, assim, assemelha-se às funções de rotulação e atitudinal descritas por Gonçalves (2019), uma vez que abarca a necessidade de nomeação e a expressão da subjetividade, ligadas à criação lexical, em um mesmo princípio. Maroneze (2011) compara Basilio (1987) e Geeraerts (1997) ao observar que a expressividade, tal como descrita por Geeraerts (1997), corresponde a um modo diferente de se afirmar que “uma nova unidade lexical é criada para trazer um acréscimo semântico” (Maroneze, 2011, p. 21).

A eficiência, por sua vez, “refere-se à necessidade de “otimizar” o sistema linguístico: a criação lexical ocorreria para trazer eficiência comunicativa à língua” (Maroneze, 2011, p. 20). Novamente, Maroneze (2011) compara as proposições de Basilio (1987) e Geeraerts (1997); nesse caso, a eficiência poderia, para o autor, ser equiparada à

necessidade de se utilizar uma palavra já existente em um contexto sintático diferente, visto que “empregar um verbo em função substantival, por exemplo, refere-se mais a uma necessidade de adequação ao sistema linguístico do que à criação de um novo conceito” (Maroneze, 2011, p. 21). Nesse sentido, é possível inferir, portanto, que a eficiência abrange a função de mudança categorial descrita por Gonçalves (2019). Basilio (1987) elenca o mecanismo de eficiência linguística como um motor para a criação lexical, ao afirmar que:

Em última análise, a razão por que formamos palavras é a mesma razão por que formamos frases: o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses elementos (Basilio, 1987, p. 10).

O aspecto cognitivo da função de rotulação parece estar no cerne da criação neológica, como enfatiza Jesus (2026): “os neologismos são criados para refletir aquilo que a comunidade linguística enxerga como os novos recortes de mundo e, nesse sentido, são estabelecidos enquanto resultados do processo de mudanças na estrutura social e na cultura” (Jesus, 2026, p. 144). Assim, a necessidade de nomear novos fenômenos, avanços, descobertas científicas e inovações tecnológicas constitui um dos principais motivadores da neologia nas línguas vivas.

Desde o início das pesquisas em neologia, o registro das palavras em obras lexicográficas é utilizado como principal critério para a determinação da neologicidade de um termo. Esse critério é denominado *corpus* de exclusão. Com os avanços das pesquisas, o uso de somente um critério tornou-se infrutífero para a determinação do caráter neológico dos elementos em análise. Assim, Cabré (1993) a partir dos estudos de Rey (1976) propõe quatro parâmetros para o trabalho neológico: (i) Diacronia: uma unidade é neológica se surgiu em um período recente; (ii) Lexicografia: uma unidade é neológica se não está incluída nos dicionários; (iii) Instabilidade sistemática: uma unidade é neológica se apresenta signos de instabilidade formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) ou semântica; e (iv) Psicologia: uma unidade é neológica se os falantes a consideram como uma unidade nova (Cabré, 1993, *apud* Jesus, 2021, p. 249).

Ainda que os critérios estabelecidos por Rey e Cabré sejam referência para os estudos em neologia, a complexidade do fenômeno, somada aos avanços tecnológicos que

influenciam a língua, levaram estudos mais atuais a apontarem limitações nesses critérios ao reconhecerem que, muitas vezes, estes podem ser imprecisos no processo de delimitação da neologicidade. Nesse contexto, pesquisadores propõem o uso de parâmetros adicionais como complemento aos tradicionais que envolvem, por exemplo, marcas distintivas textuais, como uso de aspas, negrito, itálico ou reformulação frástica, ampliação do *corpus* de exclusão e as condições de produção de um neologismo, como a frequência, âmbito e canal de uso.

Diversos estudos (Alves, 2000; Boulanger, 2008; Rey, 1976) associam o conceito de “neologia” a processos de criação de palavras. Nessa concepção, entende-se que a forma como um neologismo surge está diretamente relacionada aos mecanismos de inovação lexical, geralmente classificados como formais, semânticos e por empréstimo. De acordo com Caetano (2010), certos processos tendem a ocorrer com maior facilidade, enquanto outros apresentam produtividade mais restrita. Essa diferença decorre de diversos condicionamentos, tanto internos ao sistema linguístico quanto externos a ele. Entre os fatores mais frequentemente mencionados nos estudos sobre produtividade morfológica, destaca-se a frequência de uso das palavras resultantes do processo derivacional, considerada um dos elementos mais determinantes. Soma-se a isso a quantidade de bases disponíveis para a formação de novas unidades, a classe gramatical das bases selecionadas e as características fonológicas e prosódicas, como posição do acento e extensão silábica. A autora explica que as limitações à produtividade também costumam ser atribuídas a restrições de natureza sintático-semântica, léxico-semântica e morfológica. Em determinadas situações, alguns sufixos apresentam (ou deixam de apresentar) traços sintáticos que dificultam sua participação em certos processos derivacionais.

O processo de formação de palavras que caracteriza o termo analisado no presente estudo é a derivação sufixal. Trata-se do processo mais conhecido pelos falantes e mais descrito pelas gramáticas tradicionais e manuais de morfologia (Soledade; Gonçalves; Simões Neto, 2022), com reconhecida produtividade na ampliação lexical. Conforme explicam Rio-Torto *et al.* (2013), a derivação “designa qualquer processo que permita formar um lexema com base noutro lexema, nela se incluindo processos como a afixação, a conversão, entre outros” (Rio-Torto *et al.*, 2013, p. 51-52). No que diz respeito às características da derivação sufixal, os autores destacam que “para além da mudança de

categoria lexical, a sufixação é também responsável por outro tipo de mudança do produto em relação à base: uma mudança de natureza semântica, que inscreve o denotado pelo derivado numa classe ontológico-referencial diferente da da base” (Rio-Torto *et al.*, 2013, p. 104-105).

Os sufixos desempenham papel essencial na interpretação das unidades lexicais, visto que eles “não são vazios de significado [...] nem são mais vazios de significado do que os prefixos [...] e correspondem até semanticamente muitas vezes a lexemas” (Sandmann, 1989, p. 30). Um mesmo sufixo pode assumir papéis diferentes a depender da base a que se anexa. Além disso, questões culturais e ideológicas perpassam as construções, muitas vezes, pela simples mudança de um sufixo. É o que ocorreu com o sufixo *-ismo*, por exemplo, na formação *homossexualismo*: em determinado momento histórico, no Brasil, o elemento *-ismo* passou a ser socialmente associado, nessa formação, à ideia de “doença”, de “patologia”, conferindo à base *homossexual*, portanto, uma conotação pejorativa; a partir de então, qualquer falante que fizesse uso da palavra poderia ser considerado preconceituoso por dar a entender que compactuaria com a ideia de que uma orientação sexual configura uma doença. Quando se analisam outras unidades com o mesmo sufixo, entretanto, é possível observar que o sentido não está preso no elemento mórfico e que, além disso, a interpretação de uma unidade lexical complexa dá-se discursivamente pelo todo, e não pela soma das partes. A unidade lexical *lesbianismo*, por exemplo, apesar de também se referir a uma orientação sexual, manteve o sufixo *-ismo* sem que a esse fosse socialmente atribuída conotação negativa, ou seja, não foi proposto um uso do tipo “lesbianidade”. Morfossemanticamente, a polissemia do sufixo *-ismo*, juntamente com seu correspondente substantival/adjetival *-ista*, é notável a partir das diferenças semânticas que eles estabelecem ao se anexarem a diversas outras bases. Esses dois elementos produzem grupos de palavras que se relacionam, de modo que uma construção do tipo [X *-ismo*] geralmente estará associada a uma construção do tipo [X *-ista*]: *jornalismo* e *jornalista* (designando “profissão”); *budismo* e *budista* (designando “religião”); *marxismo* e *marxista* (designando “movimento”); *capitalismo* e *capitalista* (designando “sistema”); *funcionalismo* e *funcionalista* (designando “escola”); *tabagismo* e *tabagista* (designando “doença”) etc. As formações *bigodudismo* e *bigodudista*, analisadas nesse trabalho, enquadram-se na

acepção de “movimento”, uma vez que as bases designam, metonimicamente, o representante do movimento nazista.

A morfopragmática e a teoria griceana

A neologia deve ser compreendida como um fenômeno situado, que se realiza no uso e em contextos comunicativos. Uma palavra nova só se estabelece quando é reconhecida e interpretada pelos falantes, e externa o compartilhamento de conhecimentos e expectativas dentro de determinada comunidade linguística. Nesse sentido, a escolha de uma nova forma lexical envolve não apenas aspectos estruturais da língua, mas também questões pragmáticas relacionadas à intenção do falante e aos efeitos de sentido que este pretende externar. Determinadas formações, de acordo com Gonçalves (2002), servem como indício para o reconhecimento dos propósitos comunicativos do falante frente ao interlocutor, o que justifica seu tratamento no âmbito da “Morfopragmática”. O autor explica que o termo *morfopragmática* foi cunhado por Dressler e Kiefer (1990) e refere-se à disciplina teórica que descreve as relações entre Morfologia e Pragmática. Trata-se de uma área de investigação que respalda a análise de processos de formação de palavras em que a função primária não é a sintática ou a semântica. A modalização apreciativa, que pode ser marcada pelos sufixos intensivos, por exemplo, é um fenômeno enunciativo em que o emissor imprime sua marca à construção linguística, deixando registrada sua impressão negativa ou positiva a respeito de algo ou alguém (Gonçalves, 2002). Nas palavras de Dressler e Barbaresi (1994),

Definir a morfopragmática como pragmática morfologizada é, portanto, mais preciso do que defini-la como pragmática gramaticalizada [...]. Ambos os termos, gramaticalização e morfologização, também implicam a regularidade das operações envolvidas. [...] Em consonância com a gramaticalização, e não com a univerbação, a morfopragmática deve tratar prioritariamente dos efeitos pragmáticos regulares de operações morfológicas regulares. Isso nos leva de volta à definição de morfopragmática como a área dos significados pragmáticos gerais das regras morfológicas. É isso que distingue a morfopragmática da pragmática de fenômenos textuais, sintáticos e lexicais (Dressler; Barbaresi, 1994, p. 54, tradução nossa³).

³ No original: Defining morphopragmatics as morphologized pragmatics is thus more precise than defining it as grammaticalized pragmatics [...]. Both terms, grammaticalization and morphologization, also imply the regularity of the operations involved. [...] In line with grammaticalization rather than with univerbation, morphopragmatics must deal primarily with the regular pragmatic effects of regular morphological

Nessa perspectiva, a morfopragmática é definida como o domínio responsável pelos significados pragmáticos gerais associados às regras morfológicas, isto é, pelos efeitos pragmáticos produzidos regularmente na passagem entre o *input* e o *output* de uma operação morfológica (Dressler; Barbaresi, 1994). O interesse está nos processos produtivos e sistemáticos, nos quais o componente pragmático integra necessariamente a descrição semântica da regra. Assim, determinadas formações derivacionais, por exemplo, não expressam apenas alterações de natureza lexical ou gramatical, mas também valores afetivos, avaliativos, atenuadores ou intensificadores que decorrem da própria operação morfológica. Dressler e Barbaresi (1994) defendem que a morfopragmática não se limita às condições pragmáticas que incidem sobre regras linguísticas, mas compreende, sobretudo, os significados pragmáticos incorporados de forma sistemática às próprias operações morfológicas.

Gonçalves (2002) explica que casos de formação de palavras sem função semântica particularizada nem mudança categorial, como a marca prosódica de intensificação de uma sílaba, por exemplo, têm melhor descrição no âmbito da morfopragmática, uma vez que se prestam mais marcadamente à expressão de pontos de vista do emissor e, por isso, fatores contextuais têm consequência direta na emergência das formas derivadas. O autor sugere que o perfil do falante seja considerado no âmbito das condições de produção e apresenta quatro fatores que, de acordo com Basílio (1990, *apud* Gonçalves, 2002), devem ser incluídos nessa descrição: as condições lexicais paradigmáticas; os parâmetros de naturalidade; o tipo de discurso; e as condições pragmáticas que criam referentes a serem rotulados.

Dressler e Barbaresi (2015) defendem a ideia de que a pragmática é primordial sobre a semântica na análise morfológica. Os autores afirmam que a morfologia é capaz de estabelecer uma interface direta com a pragmática, sem mediação da semântica, e que determinados padrões morfológicos podem gerar significados pragmáticos autônomos, independentemente de seu valor denotativo: “os padrões mais propícios a isso são, principalmente, os afixos avaliativos (diminutivos, aumentativos e pejorativos), os

operations. And this brings us back to the definition of morphopragmatics as the area of the general pragmatic meanings of morphological rules. This sets morphopragmatics apart from the pragmatics of textual, syntactic, and lexical phenomena.

marcadores de familiaridade [...] e os hipocorísticos, cujos efeitos estendem-se da palavra-base pertinente a todo o ato de fala” (Dressler; Barbaresi, 2015).

Nenhuma criação neológica pode ser dissociada dos componentes pragmático e discursivo. Como esclarece Alves (2000, p. 105), “excetuando-se as formas onomatopaicas, todos os neologismos são criados no âmbito das sentenças e dos textos em que estas se inserem, ou seja, em um contexto pragmático”. Nas palavras de Escandell, a pragmática define-se como a disciplina que estuda “os princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação, considerando as condições que determinam o emprego de um enunciado concreto por parte de um falante em uma situação comunicativa específica” (Escandell, 1996, p. 13-14, tradução nossa⁴). Diferente da semântica referencial, que se ocupa do significado convencional e literal, a pragmática foca no significado que o falante pretende transmitir e na forma como o destinatário interpreta essa intenção. Nesse contexto, a compreensão de uma frase não consiste apenas em recuperar significados linguísticos, mas em identificar referências e intenções que dependem de dados fornecidos pela situação comunicativa.

Yule (1996, *apud* Wilson, 2008) mostra que a pragmática constitui-se como uma área ampla, que envolve várias acepções: (i) estuda o significado sob o ponto de vista do falante; (ii) estuda o significado contextual, considerando-se o modo como os falantes organizam seus enunciados, aquilo que eles querem dizer, de acordo com: o interlocutor, a mensagem, o tempo e o lugar da comunicação; (iii) estuda o como se diz além daquilo que é dito, ou seja, o estudo do significado subjacente ou o não-dito; (iv) estuda a expressão da proximidade/distanciamento relativo, ou seja, os falantes determinam como e quando precisam dizer de acordo com o tipo de proximidade física, social ou conceitual em relação aos ouvintes. Como explica Wilson (2008), pode-se afirmar, com base nessas definições, que a pragmática distingue-se radicalmente do chamado polo formalista da língua e é entendida como a teoria do uso linguístico. De acordo com a autora,

[...] o estado atual da pragmática reconhece o uso da língua e o modo como ela é empregada na interação verbal, não estabelecendo a dicotomia entre o que é interno e externo à língua. Essa perspectiva compreende tanto a estabilidade e regularidade do comportamento social e linguístico

⁴ No original: “Los principios que regulan el uso del lenguaje en la comunicación, es decir, las condiciones que determinan tanto el empleo de un enunciado concreto por parte de un hablante concreto en una situación comunicativa concretas”.

(padrões, crenças e convenções) como as tensões, as controvérsias e as rupturas (Wilson, 2008, p. 191).

Um dos conceitos mais importantes da pragmática é o de implicatura conversacional. Nas palavras de Pagani e Souza, “[...] o nosso conhecimento de mundo nos ajuda a interpretar vocábulos e a inferir significados. Esse significado conversacional inferido a partir de proferimentos e que vai além do que é literalmente dito, é que tem sido chamado de implicatura” (Pagani; Souza, 2022, p. 65).

O conceito de implicatura foi cunhado pelo filósofo Herbert Paul Grice, um dos mais importantes nomes da pragmática. Grice estabelece uma distinção essencial entre o que se diz (o conteúdo proposicional literal, avaliado pela lógica de condições de verdade) e o que se comunica (toda a informação transmitida pelo enunciado que vai além do seu conteúdo proposicional) (Escandell, 1996). Para explicar como os falantes alcançam essa interpretação extra-literal, Grice introduz o Princípio de Cooperação (PC). Grice formula o PC da seguinte forma: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção aceita do intercâmbio de fala em que você está engajado” (Grice, 2004, p. 45 tradução nossa⁵). Este princípio é detalhado em quatro máximas conversacionais (Pagani; Souza, 2022):

1. Máxima de quantidade: faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto o que foi requerido, não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido;
2. Máxima de qualidade: não diga o que você acredita ser falso, não diga senão aquilo que você possa oferecer evidência adequada;
3. Máxima de relação: seja relevante;
4. Máxima de modo: evite obscuridade de expressão, evite ambiguidades, seja breve, seja ordenado.

Conforme explica Wilson (2008), o princípio de cooperação é geralmente criticado por apresentar uma interpretação idealizada das interações sociais, o que não abre espaço para interações que apresentam conflito e desarmonia. Critica-se, ainda, o fato de que os

⁵ No original: “Make your conversational contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged”.

postulados do PC e as máximas conversacionais funcionariam apenas para atos de fala do tipo declarativos, baseando-se no valor de verdade das proposições.

As implicaturas conversacionais surgem justamente da interação entre o que é dito e a observância (ou violação aparente) dessas máximas e do PC (Escandell, 1996). Elas representam uma classe de conteúdos implícitos que não derivam do significado literal das palavras, mas da presunção de que o falante está sendo cooperativo. Grice observa que um participante de um diálogo pode falhar em cumprir uma máxima de diversas formas: ele pode violá-la silenciosamente para enganar, optar por sair da operação do PC, enfrentar um conflito entre máximas ou, de forma mais interessante para a pragmática, explorar uma máxima (Grice, 2004). Quando um falante deixa de cumprir uma máxima de forma ostensiva e flagrante, ele não está necessariamente abandonando o Princípio de Cooperação. Pelo contrário, essa quebra aparente desafia o interlocutor a realizar um processo inferencial para reconciliar o que foi dito com a suposição de que o falante ainda é cooperativo. Esse processo gera a implicatura conversacional, como ocorre no uso de figuras de linguagem, como a ironia, a metáfora e a hipérbole, em que a máxima da Qualidade é deliberadamente violada para comunicar algo além do sentido literal (Grice, 2004).

Grice (2004) classifica as implicaturas conversacionais em duas categorias principais: particularizadas, que dependem decisivamente do contexto específico da emissão, e generalizadas, que ocorrem habitualmente em certas formas de expressão, independentemente de um contexto especial. Além disso, para o autor, as implicaturas conversacionais têm algumas propriedades características: (i) são canceláveis, quando há possibilidade negar ou “anular” a implicatura sem que a frase se torne sem sentido; essa é uma propriedade típica das implicaturas conversacionais, porque elas dependem do contexto e das expectativas de cooperação do falante; (ii) são calculáveis, quando o ouvinte pode deduzir a implicatura a partir do que foi dito e do contexto, usando regras de raciocínio; essa também é uma propriedade típica das implicaturas conversacionais, mas, de acordo com Grice, não é necessário ter o conhecimento de regras linguísticas específicas, apenas aplicar princípios de cooperação; (iii) são não-separáveis, quando não se pode separar as implicaturas do ato de fala sem comprometer a interpretação do enunciado, ou seja, contrário das implicaturas canceláveis, essas implicaturas integram-se ao modo como a informação é comunicada.

Blunter (2004) discute o conceito de implicatura conversacional dentro da tradição griceana e procura reformulá-lo em termos mais formais e operacionais. Partindo das propostas de Grice, o autor explica que parte do significado de um enunciado não decorre diretamente de sua estrutura semântica, mas de inferências produzidas pela suposição de que os interlocutores seguem princípios cooperativos de comunicação. Desse modo, as implicaturas conversacionais surgem da interação entre o que é explicitamente dito e aquilo que pode ser inferido pragmaticamente a partir do contexto e do conhecimento comum entre os participantes da interação. A importância do estudo de Grice, como esclarece-se Wilson (2008, p. 193) “aplica-se não só ao falante como mero usuário da língua, mas ao falante na condição de intérprete, participante ativo das interações, capaz, inclusive, de modificá-las e conduzi-las de acordo com seus propósitos e/ou com a interpretação dos significados que vai construindo ao longo das interações”. A noção de implicatura permite explicar, assim, a distância entre o sentido literal e o sentido comunicado, demonstrando como princípios gerais de conduta humana permitem que mensagens complexas sejam transmitidas de forma eficaz na interpretação dos interlocutores.

Metodologia

A pesquisa com neologismos envolve, a princípio, a coleta de um *corpus* textual, com textos do gênero que se pretende estudar, escritos em período recente. Espera-se que o *corpus* levantado contenha os candidatos a neologismos, a serem extraídos para posterior análise. O tamanho e a representatividade do *corpus* devem atender aos objetivos da pesquisa em questão. No caso do presente trabalho, o *corpus* consiste na fala roteirizada de um vídeo, publicado na plataforma de vídeos curtos *TikTok*. No vídeo, o criador do conteúdo usa os termos *bigodudista* e *bigodudismo* no lugar de *nazista* e *nazismo*, que seriam banidos pela plataforma, por serem associados a conteúdos considerados impróprios. Esses seriam, portanto, os candidatos a neologismos a serem analisados. O vídeo foi transcrito por meio da plataforma *MeetGeek*⁶, ferramenta que permite a conversão de conteúdos audiovisuais em texto escrito. O acesso à transcrição possibilitou um exame mais detalhado das escolhas linguísticas do autor, especialmente no

⁶ Disponível em: <https://meetgeek.ai/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

que se refere ao uso de neologismos e à construção dos sentidos no vídeo. A análise proposta é centrada nos usos linguísticos observados no texto transcrito, sem desconsiderar os elementos multimodais relevantes para a interpretação.

Para a validação dos candidatos, ou seja, para se confirmar que de fato as unidades lexicais coletadas são neológicas, procede-se ao contraste com um *corpus* de exclusão, que consiste em um conjunto de textos escritos em período anterior aos textos recentes e que, por isso, apresentam unidades lexicais já consolidadas na língua, não neológicas. Para o presente trabalho, considerou-se o período anterior a 2019 como *corpus* de exclusão. Não foram encontradas ocorrências das unidades lexicais em análise nesse período.

A metodologia dos trabalhos em neologia considera, ainda, outros critérios para validação de unidades lexicais neológicas, tradicionalmente descritos por Rey (1976) e Cabré (1993). Os autores consideram que, além do surgimento recente e da ausência em um *corpus* de exclusão, um item lexical é neológico se for formal ou semanticamente instável e se despertar a intuição neológica do falante. Os neologismos a serem analisados cumprem esses critérios e, além disso, configuram uma idiossincrasia do autor do vídeo.

Condições morfopragmáticas de produção do neologismo *bigodudista*

As redes sociais não são espaços neutros de circulação linguística; elas articulam práticas de moderação e de organização do conteúdo que moldam de forma direta as maneiras pelas quais os usuários produzem e compartilham discursos. Uma vez que este trabalho pretende analisar morfopragmaticamente as condições de produção do neologismo *bigodudista*, ou seja, o modo como as diretrizes das redes sociais moldam a criação dessa formação, será apresentada uma breve discussão a respeito das diretrizes, regras e moderações que atuam na regulamentação das práticas discursivas da rede social *TikTok*.

Mecanismos de inteligência artificial dessa rede são capazes de detectar, nos vídeos enviados pelos usuários, palavras e imagens consideradas impróprias naquele ambiente. Por exemplo, um criador de conteúdo pode usar a forma *pedô* para se referir a *pedofilia* ou a *pedófilo*; *desviver* para se referir a *morrer*; *neonazi* para se referir a *neonazista* e assim por diante. Ou seja, trata-se de uma estratégia para burlar a proibição de usar os termos a que tais reduções fazem referência. O *TikTok*, por se tratar de uma rede social que recebe

diariamente um grande volume de vídeos e conta com milhões de usuários estabelece um conjunto de Diretrizes da Comunidade⁷ que regulam o que é permitido, restrito ou proibido em seus conteúdos. As Diretrizes da Comunidade do *TikTok* reúnem princípios e regras que visam a equilibrar a liberdade de expressão e a prevenção de danos, favorecendo um ambiente considerado “seguro e acolhedor” para sua base de usuários global. Entre os Princípios da Comunidade, destacam-se valores como a prevenção de danos físicos, emocionais ou financeiros, a promoção da liberdade de expressão, o incentivo à gentileza e ao respeito, a promoção da inclusão, a garantia à privacidade, a busca por justiça e a transparência na aplicação das regras. Tal equilíbrio é apresentado de forma explícita nas diretrizes ao considerar que a expressão livre é incentivada, mas não se sobrepõe à necessidade de evitar conteúdos que possam causar danos físicos ou psicológicos significativos à comunidade.

No âmbito prático, as diretrizes especificam categorias de conteúdo que não são permitidos ou que podem ser restritos de diferentes maneiras. Por exemplo, conteúdos que envolvam violência, discurso de ódio ou exploração sexual de menores são considerados violações e, conforme as regras, devem ser removidos. Além disso, conteúdos que contenham desinformação ou que violem princípios de autenticidade também podem ser inelegíveis para recomendação no algoritmo do *feed* “Para você”, limitando o alcance de determinados vídeos. Esse *feed* funciona como um sistema de recomendações personalizado, que utiliza algoritmos para exibir vídeos compatíveis com os interesses do usuário a partir de seu histórico de interações (curtidas, compartilhamentos e tempo de visualização).

A maior parte das publicações são analisadas por mecanismos tecnológicos que visam a detectar violações e moderar o conteúdo disponível na plataforma, por meio da identificação de elementos visuais, auditivos e textuais presentes nos conteúdos audiovisuais que infrinjam as regras da plataforma. Esses mecanismos e regras influenciam a linguagem on-line, porque criam condições de possibilidade e impossibilidade discursiva para os usuários. Ao definir certas palavras ou temas como sensíveis ou potencialmente violadores das diretrizes, a plataforma indiretamente incentiva a busca por alternativas

⁷ Disponível em: <https://www.tiktok.com/safety/pt-BR/policies-and-engagement/youth-safety>. Acesso em: 09 nov. 2025.

linguísticas que permitam tratar desses temas sem incorrer em sanções. O algoritmo do *TikTok* pode ser sensível a formas específicas de expressão, mesmo quando o propósito comunicativo do vídeo é informativo, crítico ou educativo. Assim, conteúdos de opinião, informação, cultura, política, notícia etc. são os mais afetados por esses mecanismos, visto que estão mais suscetíveis por tratarem de temas sensíveis e, conseqüentemente, por apresentarem termos que podem ser interpretados como incitamento à violência ou quebra de normas da plataforma.

Nesse sentido, as diretrizes funcionam como um agente extralinguístico que influencia escolhas lexicais: a necessidade de se evitarem certos termos como *matar*, *assassinato*, *pedófilo*, *estupro*, *suicídio*, *nazismo*, ou de se reduzir o risco de que conteúdos sejam removidos ou tenham o alcance limitado pode levar os usuários a criarem novas formas de se comunicar que mantenham a intencionalidade, mas que escapem às interpretações literais dos mecanismos de moderação. Especificamente no que se refere aos neologismos, os usuários criam palavras novas – como as já referidas *pedô* e *desviver* – com a finalidade de burlar o algoritmo e, assim, efetivar a interação contando com a capacidade do interlocutor de compreender o novo arranjo simbólico.

O neologismo *bigodudista*, objeto da presente análise, foi usado em um vídeo⁸ publicado na plataforma *TikTok*, em 1 de maio de 2025, pelo perfil @fagnerferonatoreal. Trata-se de um perfil aberto ao público, que se apresenta como um espaço de divulgação de informações e que aborda, majoritariamente, temas relacionados à política e à cultura, recorrendo, frequentemente, a comentários críticos e explicativos sobre acontecimentos históricos e atuais. Essa caracterização do perfil situa o vídeo analisado em um contexto discursivo-informativo, ainda que marcado por estratégias próprias da comunicação em ambiente digital.

No vídeo em questão, Fagner Feronato, autor criador do conteúdo, faz comentários sobre uma suposta associação entre o Papa Bento XVI e o partido nazista. Para tanto, ele se aproveita do filme *Conclave* (2024), que conta a história fictícia da eleição de um novo papa em meio a questões políticas e ideológicas sobre a Igreja. Ao introduzir o tema, o autor afirma:

⁸Disponível em: https://www.tiktok.com/@fagnerferonatoreal/video/7499514718181281030?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7459517923775448582. Acesso em: 09 out. 2025.

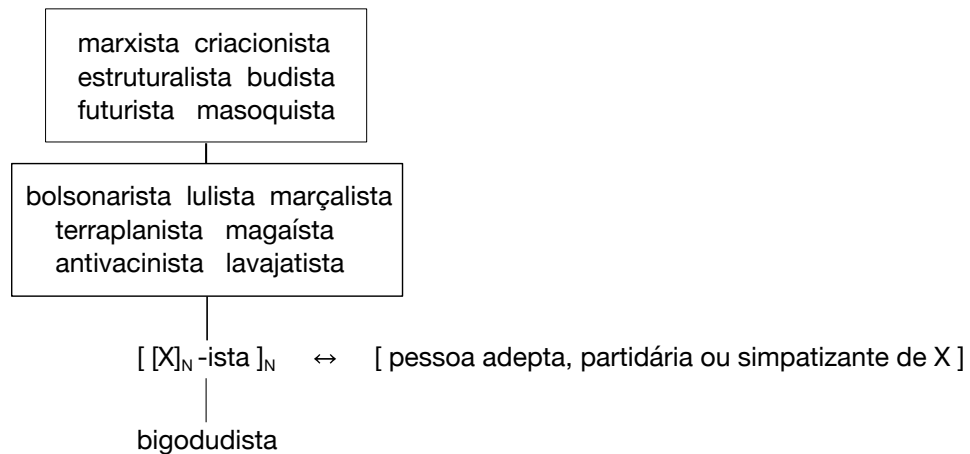
- (1) *eu assisti o filme Conclave e eu vou aproveitar uma meia verdade que o filme traz sobre o Papa Bento XVI para poder falar dos anos em que ele supostamente foi um **bigodudista**.*

No contexto do *TikTok*, o uso do termo *nazista* tende a ser considerado sensível em razão de sua associação direta a ideologias extremistas e a discursos de ódio, categorias explicitamente reguladas pelas diretrizes da plataforma. A presença dessa palavra, como anteriormente mencionado, pode acionar mecanismos de moderação, resultando na remoção do conteúdo ou na limitação de sua circulação, mesmo se a palavra for empregada em contextos críticos, educativos ou de denúncia. Diante desse cenário, observa-se a substituição do termo por *bigodudista*, que permite ao enunciador referir-se ao mesmo objeto de discurso de maneira indireta, sem cerceamentos.

A princípio, em uma análise de cunho morfopragmático, são considerados, no âmbito das condições de produção: (a) as condições lexicais paradigmáticas; (b) os parâmetros de naturalidade; (c) o tipo de discurso e (d) as condições pragmáticas que criam referentes a serem rotulados (Basílio, 1990, *apud* Gonçalves, 2002). No que concerne às condições lexicais paradigmáticas, o falante fez a escolha pela formação *bigodudista* por analogia⁹ a outras formações morfossemânticamente semelhantes. Palavras formadas pela associação do elemento *-ista* a uma base, como *marxista*, *criacionista*, *masoquista* e *budista*, por exemplo, estão estabelecidas no léxico do português brasileiro há alguns séculos. A partir desse conjunto de formações, estabelece-se uma regularidade morfossemântica que possibilita a criação de novas unidades lexicais para designar novos recortes da realidade. Assim, no contexto atual, surgiram, por analogia às anteriores, formações como *bolsonarista*, *terraplanista*, *lavajatista* e *magaísta*, com viés semântico semelhante. Essas formações indicam que a criação de *bigodudista* depende da exposição do falante a um conjunto paradigmático de unidades terminadas em *-ista*, a partir do qual se torna possível identificar uma regularidade formal e semântica e abstrair, por analogia, um esquema construcional produtivo do tipo [X-ista], que remete a “pessoa adepta, partidária ou simpatizante de X”, como se observa em (2):

⁹ Entende-se *analogia* como o fenômeno por meio do qual novas formas complexas podem ser constituídas a partir do espelhamento em palavras já existentes, sem que se considere a concatenação de morfemas, e que pode dar origem a padrões produtivos na formação de palavras.

(2)



No esquema $[[X]_N\text{-ista}]_N$, a marcação $_N$ indica que o elemento à esquerda corresponde a uma unidade nominal – substantivo ou adjetivo nas formações em questão. O sufixo *-ista* está associado ao sufixo *-ismo* que, historicamente, designa “movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos” (Houaiss; Villar, 2026). Por isso, o caso dos neologismos formados com os sufixos *-ista* e *-ismo* é particularmente interessante porque permite que se observem as relações paradigmáticas entre palavras complexas (Gonçalves, 2016). Em linhas gerais, as relações paradigmáticas estabelecem correlações entre conjuntos de palavras que apresentam o mesmo grau de complexidade morfológica (Booij, 2010), permitindo a identificação de padrões sistemáticos que organizam o léxico. Assim, os esquemas descritos em (3a) e (3b) estão relacionados, e sua correspondência pode ser representada como em (3c):

- (3) a. $[[X]_N\text{-ismo}]_N \leftrightarrow [\text{movimento relacionado a X}]$
 b. $[[X]_N\text{-ista}]_N \leftrightarrow [\text{pessoa adepta a movimento relacionado a X}]$
 ou seja,
 c. $[[X]_N\text{-ista}]_N \leftrightarrow [\text{pessoa adepta a } [[X]_N\text{-ismo}]_N]$

Assim, os sufixos *-ismo* e *-ista*, juntamente com o sufixo *-ístico*, integram uma “constelação sufixal em que a ocorrência de um deles tem função paradigmática com a dos outros numa cogação” (Houaiss; Villar, 2026). As formações construídas com esses sufixos estabelecem, portanto, relações entre si, de modo que a ocorrência de uma palavra com *-ismo* implica a existência de uma com *-ista* e vice-versa. Esse tipo de relação permite

inferir que o sentido de uma unidade lexical é definido com base no sentido de outra (Gonçalves, 2016). No caso da unidade em análise, essa associação também se estabelece: o autor do vídeo faz uso da formação *bigodudismo*, como se verá no contexto (5). É possível, assim, estabelecer uma correlação semântica entre as duas unidades: *bigodudista* pode ser interpretado como “aquele que é adepto ao *bigodudismo*”. Essa relação, entretanto, não implica que os membros de uma constelação sufixal surjam necessariamente de forma concomitante e automática, tampouco que a distribuição categorial das formações em *-ista* seja rígida, já que *-ista* forma tanto substantivos de dois gêneros quanto adjetivos de dois gêneros (Houaiss; Villar, 2026).

No caso em análise, merece atenção a escolha da base que participa da formação. *Bigodudista* não é formado diretamente a partir do substantivo *bigode*, mas do adjetivo *bigodudo*. Observa-se esse mesmo tipo de seleção da base em unidades como *extremista* e *construtivista*, formadas a partir dos adjetivos *extremo* e *construtivo*, e não dos substantivos a eles relacionados. A escolha do adjetivo como base explica a configuração formal do neologismo e o distingue de uma possível formação *bigodista*, construída com a base substantival *bigode*.

Ao empregar o neologismo *bigodudista* em (4), o produtor do conteúdo realiza um gesto de aspas com as mãos, demonstrando uma tentativa de destacar a palavra por meio da linguagem visual-corporal. Em seguida, o próprio autor explicita o sentido atribuído ao termo, ao afirmar:

- (4) *por **bigodudista**, eu tô falando daqueles homens que seguiam um cara de bigodinho, que era austríaco, e comandou a Alemanha de 32 a 45. Sabem de quem eu tô falando. Mas então, o Joseph Hatzinger era uma criança alemã de 5 anos de idade quando o partido **bigodudista** chegou ao poder na Alemanha no ano de 32. Quando a guerra terminou, o Hatzinger mal tinha completado 18 anos.*

O gesto de aspas e a explicitação do significado do termo constituem indícios de sua neologicidade, conforme apontado por Auger (2010), uma vez que o falante sinaliza a introdução de uma unidade lexical nova ou ainda não estabilizada no uso. A inferência de que *bigodudista* faz referência ao termo *nazista* torna-se possível a partir da descrição fornecida pelo autor que, servindo-se de um recurso metonímico, menciona seguidores de

“*um cara de bigodinho*”, “*austriaco*”, que “*comandou a Alemanha*” entre 1932 e 1945. Essas características remetem diretamente à figura de Adolf Hitler, líder do partido nazista, reconhecido historicamente por seu bigode característico, elemento resgatado metonimicamente na construção do neologismo, e sua nacionalidade austríaca. Além disso, o autor apresenta a data e o local condizentes com o ápice do movimento nazista. As descrições dadas pelo autor demonstram que o sentido de *nazista* é preservado por meio de inferências baseadas em conhecimentos socioculturais compartilhados, ao passo que o risco de sanção algorítmica é reduzido.

Esse processo inferencial pode também ser compreendido à luz da teoria das implicaturas conversacionais proposta por Grice. Ao optar por uma forma lexical indireta, em vez do termo convencional *nazista*, o autor aparenta violar, de maneira intencional, a máxima de modo, uma vez que não faz uso da forma mais convencional, usual, para designar o referente. No entanto, essa violação não compromete a compreensão do enunciado, porque os interlocutores, orientados pelo Princípio da Cooperação, são capazes de inferir o sentido a partir das pistas contextuais e do conhecimento sociocultural compartilhado. Assim, o significado associado ao nazismo não é expresso literalmente, mas recuperado pragmaticamente por meio de uma implicatura conversacional, o que permite a manutenção do efeito comunicativo do discurso. Essa confiança na capacidade de inferência do interlocutor fica notória na expressão “*sabem de que eu tô falando*”, usada pelo produtor do conteúdo.

Na sequência do vídeo, o autor passa a usar também os termos *bigodudismo* e *bigodudo*, estabelecendo uma relação derivacional entre essas formas e a forma *bigodudista*:

- (5) *E aí sem receber o devido contexto, pode parecer que o Hatzinger era um jovem completamente deslumbrado pelo **bigodudismo** e que seguia fielmente as coisas que o **bigodudo** falava.*

Desse modo, o autor amplia o uso do neologismo, atribuindo-lhe um funcionamento discursivo associado aos termos já consolidados na língua *nazismo* e *nazista*. Entretanto, ao escolher a forma neológica, observa-se um efeito de amenização em relação a essas formas consolidadas, que se apresentam como discursiva, ideológica, cultural e

socialmente mais marcadas. Esse encadeamento lexical reflete o processo de implicatura, uma vez que o sentido permanece acessível aos interlocutores sem a necessidade de recorrer à nomeação explícita do termo sensível no contexto da plataforma.

Além disso, a ocorrência do uso do termo *bigodudista* em comentários de outros usuários no vídeo de Feronato corrobora com a ideia de que a palavra nova só se estabelece quando é reconhecida e interpretada pelos falantes. Em um dos comentários do vídeo, exemplificado em (6), uma usuária recorre à forma *bigodudista* para criticar a suposta associação entre o Papa Bento XVI e a ideologia nazista, demonstrando que o termo já é reconhecível e funcional para transmitir o mesmo significado inferido no vídeo analisado.

- (6) *é que depois do fim da guerra ele continua tendo atitudes **bigodudistas** durante toda a vida, foi um dos grandes líderes da extrema direita dentro da igreja católica, sendo inclusive um perseguidor implacável contra a esquerda da igreja católica.*¹⁰

Observou-se, ainda, que as formas em estudo *bigodudista* e *bigodudismo* são idiosincrasias do autor do vídeo, ou seja, não foram encontradas ocorrências além das presentes no perfil @fagnerferonatoreal. Há diversas ocorrências na *web*, contudo, das formas constituídas por base substantival *bigodista* e *bigodismo*, também em referência aos termos *nazista* e *nazismo*, como se exemplifica em (7) e (8).

- (7) *Eles também eram cidadãos comuns que foram recrutados pelo exército **bigodista** alemão, eles não tinham culpa também?*¹¹

- (8) *cada dia que passa a gente entende pq o **bigodismo** aconteceu no século XX*¹²

O uso de neologismos e de outros recursos linguísticos para tratar de temas sensíveis não se restringe a estratégias de alerta, crítica, informação ou denúncia. Tais recursos também podem ser mobilizados para a apologia a esses temas, como o nazismo. A reportagem do site *Olhar Digital*, apresentada em (9), aponta que conteúdos com temática nazista continuam a circular amplamente no *TikTok*, mesmo diante de diretrizes

¹⁰ Disponível em: https://www.tiktok.com/@fagnerferonatoreal/video/7499514718181281030?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7459517923775448582. Acesso em: 10 fev. 2026.

¹¹ Disponível em: https://x.com/Serafim_zx/status/2040623628442636636. Acesso em: 08 mai. 2026.

¹² Disponível em: <https://x.com/UltraInsider10/status/2016929616749813934>. Acesso em: 08 mai. 2026.

que proíbem discursos de ódio e a promoção de ideologias extremistas. Esses relatos indicam que, embora a plataforma estabeleça regras explícitas sobre conteúdos sensíveis, os mecanismos de moderação algorítmica nem sempre são capazes de identificá-los, o que contribui para a constituição de um ambiente discursivo marcado por ambiguidades tanto para os produtores quanto para os receptores do discurso.

- (9) TikTok: conteúdos nazistas circulam na rede, alerta pesquisa. Pesquisadoras identificaram o aumento do uso de expressões e símbolos que escondem mensagens de incitação ao ódio e violência no TikTok¹³.

De todo modo, a produtividade morfológica não se realiza de maneira autônoma em relação às condições concretas de circulação do discurso. A emergência e o funcionamento de novas formações explicam-se pela articulação entre restrições do espaço de interação e cognições inferenciais dos interlocutores. A formação *bigodudista* resulta dessa tensão: é, ao mesmo tempo, uma formação morfológicamente interpretável, pragmaticamente inferível e tecnologicamente motivada. O caso demonstra, portanto, que, nas práticas discursivas mediadas por plataformas, os algoritmos atuam como instâncias externas de controle da circulação dos enunciados e, indiretamente, participam das próprias condições de produção lexical.

Palavras finais

A análise demonstrou que o neologismo *bigodudista* funciona como uma estratégia discursiva que permite a evocação do termo *nazista* por meio de implicatura, sem sua nomeação explícita. Tal escolha lexical revela a adaptação do discurso às dinâmicas e restrições das plataformas digitais no contexto do conhecimento compartilhado na construção do sentido. Além disso, observou-se que as formas *bigodudista* e *bigodudismo* ocorreram apenas na fala do autor do vídeo, em contraste com as diversas ocorrências das formas *bigodista* e *bigodismo*, também usadas como substitutos referenciais de *nazista* e *nazismo*. A comparação entre essas formações sugere que *bigodudista* e *bigodudismo* resultam de uma ampliação morfofonológica da base *bigodudo*, produzindo formas mais

¹³ Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/10/30/internet-e-redes-sociais/tiktok-conteudos-nazistas-circulam-na-rede-alerta-pesquisa/>. Acesso em 10 fev. 2026.

marcadas expressivamente do ponto de vista lexical. Esse alongamento aumenta o grau de opacidade da referência e, simultaneamente, o caráter jocoso e performático da construção, aspecto coerente com os modos de circulação discursiva característicos das redes sociais.

Enfatiza-se, uma vez mais, a importância do contexto e do conhecimento compartilhado na construção do significado, bem como a atuação ativa dos sujeitos na adaptação da linguagem às dinâmicas comunicativas. Assim, compreender os neologismos que circulam nas redes sociais exige uma abordagem que vá além da descrição formal das palavras. Torna-se necessário considerar os contextos de uso, as intenções comunicativas dos falantes e os mecanismos inferenciais mobilizados pelos interlocutores para a construção do sentido.

Referências

- ALVES, I. M. **Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo**. Tese (Livre-Docência em Lexicologia e Terminologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- AUGER, P. Néologicit  et extraction néologique automatis e. In: CABRÉ, M. T. *et al.* (ed.). **Actes del I Congr s Internacional de Neologia de les Llengües Romàniques**. Barcelona: IULA; Documenta Universitaria, 2010.
- BLUTNER, R. Pragmatics and the lexicon. In: HORN, L. R.; WARD, G. (ed.). **The handbook of pragmatics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- BOOIJ, G. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOULANGER, J. C. Sur l'existence des concepts de « n ologie » et de « n ologisme ». In: Congrés Internacional de Neologia de les Llengües Romàniques (Congresso), 1, 2008. Barcelona, **Anais...** Barcelona, IULA, 2010. p. 31-73.
- CABRÉ, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Ant rtida; Empúries, 1993.
- CAETANO, M. C. Considera  es acerca da produtividade morfol gica. In: CABRÉ, M. T.; DOM NECH, O.; ESTOP , R.; FREIXA, J.; LORENTE, M. (ed.). **Actes del I Congrés**

Internacional de Neologia de les Llengües Romàniques. Barcelona: Congrés Internacional de Neologia de les Llengües Romàniques, IULA, 2010.

DRESSLER, W. U.; BARBARESI, L. M. **Morphopragmatics:** diminutives and intensifiers in Italian, German, and other languages. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1994.

DRESSLER, W. U.; BARBARESI, L. M. Pragmatics and morphology: morphopragmatics. In: HUANG, Y. (ed.). **The Oxford handbook of pragmatics.** Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 493-510.

ESCANDELL, M. V. **Introducción a la Pragmática.** Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

ESTOPÀ, R. **Sobre neologismos y neologicidad: reflexiones teoricas con repercusiones metodologicas.** In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (Orgs.) *Neologia das línguas românicas.* São Paulo: Humanitas, 2015.

GONÇALVES, C. A. Morfopragmática da intensificação sufixal em português. **Revista de Letras**, n. 24, v. 1/2, jan./dez. 2002.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia construcional:** uma introdução. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

GRICE, H. P. **Logic and Conversation.** In: COLE, P.; MORGAN, J. (Eds.). *Syntax and Semantics*, v. 3: Speech Acts. New York: Academic Press, 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2026. Versão digital. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/145122:436/. Acesso em: 25 out. 2025.

JESUS, A. M. R. Princípios metodológicos para a detecção de neologismos da comunicação digital. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 50, n. 1, p. 243-261, 2021.

JESUS, A. M. R. Neologia em português brasileiro: o que dizem os memes. In: ALVES, I. M.; JESUS, A. M. R.; CURTI-CONTESSOTO, B; CARDOSO, E. A. **Os Estudos Lexicais em diferentes perspectivas**, Vol. IX. São Paulo: FFLCH/USP, 2026, p. 140-156.

PAGANI, L. A.; SOUZA, L. M. **Para conhecer: pragmática.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

REY, A. Néologisme: un pseudo-concept? Cahiers de Lexicologie, **Revue Internationale de Lexicologie et de Lexicographie**, n. 28, p. 3-17, 1976.

RIO-TORTO, G.; RODRIGUES, A. S; PEREIRA, I.; PEREIRA, R.; RIBEIRO, S. **Gramática derivacional do português**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor, 1989.

SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. Morfologia construcional: outra introdução. In: SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. (eds.), **Morfologia construcional: avanços em língua portuguesa**. Salvador: Edufba, p. 11-32, 2022.

WILSON, V. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

Sobre as autoras

Julia Damascena Magnavita

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4745-3618>

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e graduada em Letras - Português pela mesma instituição. Bolsista CAPES com o projeto intitulado "Tarifões instagramáveis: a produtividade da sufixação em neologismos da cultura digital". Participa do grupo de pesquisa "Lexify: Estudos em Neologia, Lexicologia e Linguística Computacional" e do projeto de extensão "Neoscópio: Laboratório de neologismos".

Ana Maria Ribeiro de Jesus

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5479-5564>

Docente do Departamento de Línguas Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Letras (Lexicologia e Terminologia do Português) pela USP. Coordenadora dos projetos de pesquisa "Neologia: aspectos lexicais, culturais e extração automática", "TermPetro: Estudos Terminológicos em Química do Petróleo" e do grupo de pesquisa "Lexify: Estudos em Neologia, Lexicologia e Linguística Computacional".